

Política

Em entrevista ao JT, o senador Divaldo Suruagy (PMDB-AL) compara o porta-voz de Collor, a Gregório Fortunato, guarda-costas de Getúlio Vargas, e volta a falar de corrupção no governo.

Suruagy: o homem de Quêrcia em Alagoas.

FERNANDO GRANATO

Em três tacadas consecutivas por meio de cartas abertas contra o presidente Fernando Collor, o senador Divaldo Suruagy (PMDB-AL) tornou-se o aliado número 1 do ex-governador Orestes Quêrcia em sua escalada rumo ao Planalto. Em entrevista exclusiva concedida ontem ao JT, o senador foi além em suas críticas: "Alagoas não recebeu nem 10% do dinheiro que se propaga ter sido destinado nesses 15 meses de governo", ele afirma para acrescentar: "A maior parte ficou no caminho, nas mãos dos intermediários".

Os intermediários, segundo Suruagy, estariam abocanhando até 40% das verbas liberadas pelo governo federal, algo em torno de Cr\$ 200 milhões. O senador também entrou numa queda de braço com o porta-voz de Collor, o jornalista Cláudio Humberto — e comparou-o a Gregório Fortunato, assessor do ex-presidente Getúlio Vargas. "O mar de lama, provocado por Gregório Fortunato, levou o presidente Getúlio Vargas ao suicídio. Evite, enquanto pode, transformar a pseudo-república das Alagoas na república do Galeão", escreveu o senador.

Alagoas continua a ser o Estado mais pobre do Brasil

Suruagy, que entrou pela primeira vez na sala do prefeito de Maceió para fazer faxina, foi longe na política alagoana. Sucessivamente, tornou-se secretário da Fazenda do Estado, prefeito de Maceió, deputado estadual, deputado federal, governador por duas vezes e senador. Até que um jovem de cabelos bem penteados, chamado Fernando Collor, aparecesse no cenário político alagoano, era Suruagy a liderança mais im-

Suruagy acusa Collor e defende a candidatura de Quêrcia: "Os presidentes mais populares foram aqueles que criaram perspectivas de otimismo em plena crise. Um candidato que acena com essa bandeira interpreta os anseios da população".



Arquivo/AE

portante do Estado. Seguem os principais trechos da entrevista:

JT — O que é a "república das Alagoas"?

Suruagy — Alagoas está sendo duplamente penalizada. O Brasil todo pensa que Alagoas virou um paraíso na terra. Alagoas continua a ser o Estado mais pobre do País. O vice-governador, Francisco Mello, que é primo legítimo do presidente, fez uma viagem por 45 municípios do Estado e o quadro é este: são 400 escolas destruídas, hospitais fechados, sistema de abastecimento de água esgotado, agricultura falida e salário do funcionalismo defasado.

O que quer dizer o verbo "ala-

goar", que o senhor diz ser o novo verbo da Língua Portuguesa?

O jornalista Fernando Pedreira, em artigo publicado no Jornal do Brasil, comentou que o Financial Times, de Londres, havia afirmado que existia um novo verbo na Língua Portuguesa, que era o *alagoar*, que na expressão do jornal significa surrupiar, lubrificar, roubar.

O que o senhor sabe de concreto nesse sentido?

Agora mesmo o deputado Luiz Roberto Ponte (PMDB-RS), com autoridade de presidente da Associação dos Empreiteiros do Brasil, fez uma denúncia no congresso da classe em Belo Horizonte. Nos

corredores do Congresso, onde você andar, ouve esse comentário. Com a recente prisão de um grupo de estelionatários em São Paulo, que aplicavam golpes junto a prefeitos e se diziam próximos a importantes figuras do PRN, isso tudo parece que ficou caracterizado.

Há alguma prova concreta, além dessa, que mostre tudo isso que o senhor vem acusando?

Quem paga não dá recibo. Em torno do presidente há assessores que há quatro ou cinco anos tinham dificuldades para enfrentar pequenas despesas e hoje são pessoas com patrimônios bastante expressivos.

O senhor poderia citar nomes?

Se o presidente tiver interesse, ele tem condições de averiguar isso. Mas há um que vestiu a capuz da minha carta e se apresentou, que é o porta-voz da Presidência.

O seu ingresso no PMDB e as suas críticas não têm o objetivo de beneficiar a candidatura de Orestes Quêrcia?

Eu estava como um estranho no ninho no PFL. Eu causava um constrangimento geral porque votava contra a orientação do senador Marco Maciel, meu amigo, líder do partido e do governo.

O senhor acredita na candidatura Quêrcia?

Os presidentes mais populares

da história do Brasil foram aqueles que criaram perspectivas de otimismo em plena crise. Quando Quêrcia sentiu isso, lançou a bandeira da retomada do crescimento. Um candidato que acena com essa bandeira passa a interpretar os anseios da população.

Uma das críticas que o senhor faz ao presidente Collor trata do suposto enriquecimento ilícito de membros de sua equipe. As mesmas críticas são feitas a Quêrcia.

A diferença é que Quêrcia não foi alertado para isso quando estava no governo. Sujeito a esse tipo de coisa todo mundo está.

Mas durante o governo houve escândalos como o do ex-presidente do Banespa Otávio Ceccato.

Estou apenas fazendo uma análise. No caso do presidente Collor eu o estou alertando em tempo. Nos últimos dias de seu mandato de prefeito foram nomeadas quatro mil pessoas. Ele disse: "Não sabia que isso acontecia".

"Cláudio Humberto ganhava salário na Assembléia sem trabalhar"

O senhor vem dizendo que Collor não foi um bom administrador.

Ele não foi feliz como administrador nem um parlamentar atuante. Como governador foi um desastre. Suas principais bandeiras políticas foram uma suposta reforma agrária, a caça aos marajás e o fim da criminalidade em Alagoas. Ele não tomou um palmo de terra de nenhum usineiro. Existiam apenas três funcionários públicos na Assembléia Legislativa que poderiam ser rotulados de marajás. Ele conseguiu apenas suspender provisoriamente o pagamento de um deles, o Mendes de Barros. Por ironia do destino, foi justamente o Mendes Barros que empregou Cláudio Humberto, quando este estava passando necessidades. Cláudio Humberto ganhava sem trabalhar.